

VIDA ESTRAGADA

Minima Moralia (Ed. 70) de Th. W. Adorno sai em tradução portuguesa no ano em que se comemora o centenário do nascimento seu autor e com 10 anos de atraso em relação à excelente versão brasileira de Luiz Bica (Ed. Ática). Escrito em 1944-47, o texto só é publicado em 1951 e não na data da sua conclusão como *Festschrift* para Max Horkheimer, presença tutelar na obra com o seu *Dämmerung*. A obra participa do mesmo impulso que criara a *Dialéctica do Iluminismo* e *A Filosofia da Nova Música* e é mesmo em grande medida a continuação da última parte daquela. Tal como a obra conjunta, *Minima Moralia* é redigida na perspectiva da derrota, mas também do que se seguiria, tanto ao nível histórico como ao nível pessoal. Regressar a que país e a que cultura? Não é só a experiência do emigrante intelectual europeu em terras americanas, é também a expectativa daquele que regressa ao país de que teve de fugir, para conservar a vida. O problema da continuidade da cultura, da mentalidade nazi, não é escamoteado como se tivesse sido um episódio já ultrapassado, por isso, são vários os textos da obra tanto sobre as raízes do nazismo na cultura anterior como sobre a sua continuação. Não há lugar, portanto, para qualquer romantização de Weimar. E, quem se permite atribuir a acusação de permanência da mesma mentalidade que possibilitou o fascismo alemão a uma qualquer obsessão esquerdista, só precisa de ler o recém-editado curso de Eric Voegelin proferido em Munique, 1964, para compreender que se trata antes de uma fobia dos fugitivos involuntários: esses nunca mais podem reencontrar a *Heimat*.

As diferenças não mascaram a continuidade entre as duas obras. *Minima Moralia* trá-la no título: mínimo moral, mínimo humano no seio da

inverdade do todo que apresenta o seu desenrolar sob o rosto macabro do desenvolvimento técnico. A vida recta foi neutralizada pela administração, mas, ainda assim, "os homens são sempre melhores do que a sua cultura" (p. 41), a tarefa da reflexão é surpreender nos interstícios da *intenção* os fragmentos mudos, a fim de os fazer falar. Por isso, o louvor à abrangência dos temas passa ao lado, para não dizer que trai, da *intenção* livro. É no reconhecimento da intenção como não intenção que reside a verdadeira intenção da obra. Se a cultura tende a esquecer as suas próprias promessas e assim a neutralizar-se enquanto notícia em reserva de uma vida melhor, o fragmentário, o inconspícuo, não possui maior dignidade cognitiva de *per si*. Trata-se antes de mostrar que não há um terreno privilegiado, neutro, perante o todo. Pelo contrário, o todo pre-forma o mais recôndito, com a circunstância agravante de ter dispensado a cultural/ideologia como justificação do sacrifício, facto que igualiza os objectos. A profanação de toda a terra, a funcionalização universal, força a ausência do sagrado a declarar-se em cada gesto: a "extrapolação do mínimo" vive ainda da sua memória – na *Dialéctica Negativa*, a filosofia vive ainda porque se falhou o momento da sua realização – sem que se trate de salvar a cultura como valor, à imagem dos críticos conservadores Ortega y Gasset, Huxley, Jaspers. Daí a ausência de qualquer intenção moralista no texto. Dessa extrapolação nasce a justaposição dos textos, sem forma fixa, que vão desde os aforismos tradicionais ao ensaio. A crítica do existente torna-se então problemática. A sua possibilidade no seio do mundo administrado, que tritura toda a posição teórica por intermédio da indústria cultural, reside na assunção da sua impossibilidade. O conhecimento, cujo *medium* é a verdade, vive na mentira, daí a sua tonalidade ética, já era assim nos primórdios da filosofia. Mas, nas condições actuais, a organização da prática destrói até o pen-

samento de que possa existir uma *doutrina* da vida recta, aqueles que a conjuram sem mediação recordam a sua existência, mas negam *ipso facto* que o seu conteúdo seja verdadeiro, prescindem de "levar a cabo o trabalho do conceito" (p. 66). A dialéctica do pensador não é diferente da do músico de vanguarda que Adorno analisa n' "A Filosofia da Nova Música", à mais extrema liberdade perante os materiais corresponde também a mais extrema dependência. Em tal insubstancialidade, a única via consiste na confissão de culpa como acto ético-cognitivo, num acto de piedade por tudo o que passa sem ser redimido. Essa é única saída, ainda assim em curto-circuito: "a pergunta pela realidade ou irrealidade da própria redenção é quase indiferente" (p. 260).